

DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v15n3.1185>

2º Capítulo: A medida real, Item A

Grupo Fortaleza

Chapter 2: The Real Measure, Item A

Fortaleza Group

Marly Carvalho Soares(1); Marcelo Igor Souza(2); Francisco de Assis Sobrinho(3)

1 Professora do programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Orientadora do grupo de pesquisa em ética e direitos humanos (UECE). E-mail: marly.soares@uece.br

2 Doutorando do programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Diretor da EMTI Francisco Sá. Membro do grupo de pesquisa em ética e direitos humanos (UECE). E-mail: prof.igorsilva@gmail.com

3 Doutorando do programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor efetivo da Secretaria Estadual de Educação do Ceará (SEDUC). Membro do grupo de pesquisa em ética e direitos humanos (UECE). E-mail: diassis.sobrinho@gmail.com

Resumo

O segundo capítulo da Doutrina do Ser de Hegel, no item A, intitulado “A Medida Real”, explora a relação entre quantidade e qualidade por meio do conceito de medida. Aqui, Hegel avança na dialética entre essas duas categorias, argumentando que a medida é a unidade concreta de quantidade e qualidade, onde uma não pode ser entendida isoladamente da outra. Hegel define medida como a determinação do ser em que a quantidade e a qualidade estão inseparavelmente ligadas. Isso significa que a qualidade de algo só pode ser mantida dentro de certos limites quantitativos; ultrapassando esses limites, ocorre uma mudança qualitativa. Ele usa a ideia de medida real para descrever situações em que a variação quantitativa atinge um ponto crítico e gera uma transformação essencial na qualidade do objeto ou fenômeno. Neste item, Hegel examina o processo dialético em que a quantidade e a qualidade se determinam mutuamente através da medida, o que implica que a estrutura de ser não é estática, mas está sujeita a constantes transformações. A medida real não é uma simples abstração, mas está presente em fenômenos concretos e expressa a necessidade de uma inter-relação dinâmica entre as duas categorias. O conceito de medida, assim, é essencial para entender a lógica do ser, pois ele explica como ocorrem mudanças fundamentais na realidade quando certos limites quantitativos são excedidos, resultando em uma nova qualidade.

* SOARES, Marly; IGOR, Marcelo; SOBRINHO, Francisco de Assis. *In*: 8º Leituras da Lógica de Hegel 23/05/2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F58xde-Skyg>

Datas:

Recebido: 01/07/2024

Aprovado: 15/10/2024

Publicado: 31/10/2024

Abstract

The second chapter of Hegel's *Doctrine of Being*, in item A, titled "Real Measure", explores the relationship between quantity and quality through the concept of measure. Here, Hegel advances the dialectic between these two categories, arguing that measure is the concrete unity of quantity and quality, where one cannot be understood in isolation from the other. Hegel defines measure as the determination of being in which quantity and quality are inseparably linked. This means that the quality of something can only be maintained within certain quantitative limits; exceeding these limits leads to a qualitative change. He uses the idea of real measure to describe situations in which quantitative variation reaches a critical point, resulting in an essential transformation of the object or phenomenon's quality. In this item, Hegel examines the dialectical process in which quantity and quality mutually determine each other through measure, implying that the structure of being is not static but subject to constant transformations. Real measure is not a mere abstraction but is present in concrete phenomena and expresses the necessity of a dynamic interrelation between the two categories. Thus, the concept of measure is essential for understanding the logic of being, as it explains how fundamental changes in reality occur when certain quantitative limits are exceeded, resulting in a new quality.

1 – Preparação ao 8º Encontro das Leituras da Lógica de Hegel

A organização para o 8º Encontro das Leituras da Lógica de Hegel ocorreu com reuniões quinzenais, aos sábados, das 14:00 às 17:00. O Grupo começou com a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, vol 1- A Ciência da Lógica, visto que já havia realizado o estudo da Ciência da Lógica, vol 1, nos semestres passados. Com início da leitura da enciclopédia foi possível: 1- realizar uma revisão das principais categorias do desenvolvimento dialético-sistemático presente na de organização das categorias do Ser; 2- proporcionar aos novos integrantes do grupo de estudo uma introdução ao pensamento de Hegel; 3- Estabelecer, através das leituras, o aprofundamento necessário sobre a relação dialética das diferentes partes da obra com o sistema filosófico hegeliano. Por fim, o grupo debateu sobre o entendimento de que a ciência da lógica é a reflexão dialética racional estruturada sobre os pressupostos de todo o conhecimento teórico, tendo sempre a base de que a compreensão das partes não pode ser dissociada do todo. A partir dos encontros em questão, com a mediação da professora Dra. Marly Carvalho Soares, foi possível estabelecer as bases de entendimento para proceder com a participação no encontro das Leituras da Lógica em Hegel, com a apresentação da Medida Real.

2 – Apresentação do Grupo no evento

Em Hegel, compreendemos que a medida é concebida na perspectiva da relação dialética entre as diferentes medidas, visto que está posta imediatamente com uma relação de medidas. E, isso quer dizer que na concepção de medida existem elementos diferentes que se apresentam em relação naquele momento. Toda medida é medida de algo, contudo, o algo em questão não é absoluto, mas a junção de outros elementos que por sua vez podem ser considerados autossubsistentes.

As relações supracitadas são compreendidas como pertencentes a qualidades abstratas, Hegel, as exemplifica na perspectiva do espaço e do tempo: gravidade e propriedades químicas (existências materiais). No desenvolvimento dialético compreende que o espaço e o tempo quando estão subordinados a determinações ulteriores não se relacionam mais um com o outro apenas conforme suas determinações próprias do conceito, ou seja, o espaço e o tempo vão se apresentar dentro das relações de medidas de forma específica, considerando diferentes elementos.

Hegel apresenta o exemplo do som, explicitando uma relação em que através das vibrações aparece a questão do valor numérico, do comprimento com a questão espacial e a própria espessura dos corpos vibratórios. Em seguida, ele faz uma explicitação direta a determinado tipo de música já organizada pelo espírito humano, justamente quando fala que a grandeza dos momentos ideais é determinada de forma exterior. Nesse caso, não seria uma relação qualquer de potências, mas algo habitual, ou seja, organizado. A partir disso, explicita que o próprio harmônico fica reduzido à simplicidade externa de números, ou seja, são relações que podem ser compreendidas de forma mais fácil, como por exemplo uma aula de música.

Hegel considera a concepção de medida como algo, ou seja, como algo que pode ser concebido como elementos reais. Inicialmente pode ser considerada como medida imediata, ao passo em que as relações são postas como relações diretas. A questão primordial seria compreender a relação das relações, visto que considera ser preciso analisar o que ele chama de “determinação progressiva”.

Visto que os lados que constituem a relação da medida são, eles mesmos, medidas, mas, ao mesmo tempo, algo reais, então as medidas são, inicialmente, medidas imediatas e, como relações, são, nelas, relações diretas. É a relação de tais relações uma com a outra, a qual agora precisa ser considerada na sua determinação progressiva¹.

A concepção de medida é estabelecida dentro do desenvolvimento do real, o que o próprio Hegel chama de medida real. Como já explicitado, a medida é autossustentada como algo determinado, porém a própria medida se relaciona com outras medidas, e, nesse relacionar, pode gerar algo específico. A própria especificação na perspectiva de uma relação com outras questões em geral é considerada como a possibilidade de criação de outras relações, ou seja, como outras relações externas que estejam em relação direta com as múltiplas medidas. A partir disso, considera a existência da determinidade específica, que seria a existência de uma série de medidas.

Em seguida, Hegel, considera que através das relações diretas surgem as medidas determinadas, que por sua vez, são por si excludentes, justamente por serem consideradas de forma eletiva, ou seja, são medidas pré-determinadas. Com isso, fica posto a questão da progressão das relações dentro das medidas. Por fim, considera que a “progressão entra em cena, para a medida, a ausência de medida em geral e, de modo mais determinado,

¹ HEGEL, 2016, p. 375.

a infinitude da medida.”, ou seja, a questão da autossubsistência que em momento se exclui entra em unidade na formação da medida determinada, ao passo em que existe uma relação negativa dentro da própria medida.

Hegel pondera que na relação de medidas como autossubsistentes, não é mais a medida meramente posta como imediata, mas algo que já teve algum tipo de desenvolvimento, visto que são relações de medidas que já foram postas como especificadas. Nesse ponto, podemos considerar que a medida como ser para si são tidas como coisas materiais.

Agora, as medidas não se chamam mais de meramente imediatas, mas de autossubsistentes, uma vez que elas [se tornam], nelas mesmas, relações de medidas que estão especificadas, então, neste ser para si, são algo, coisas físicas, inicialmente materiais².

A relação de tais medidas compreendida no todo pode ser considerada no primeiro momento como imediata, visto que as medidas autossubsistentes existem fora uma da outra e são postas externamente em combinação; no segundo momento são qualitativamente apenas pela determinação quantitativa das medidas, sendo determinadas como as outras, ou seja, diferente, na perspectiva de uma série de relacionamentos quantitativos; no terceiro momento, o relacionar indiferente que é múltiplo, “tornar-se ser para si excludente- a assim chamada afinidade eletiva³”.

Na vinculação de medidas, algo se encontra definido em si mesmo como uma relação de medida de quantidade, onde as qualidades competem. Uma dessas qualidades é a essência interna do algo, a qual o define como um ser por si só - material, como o peso, que é considerado de forma intensiva, ou a quantia que é avaliada de forma extensiva, porém, composta de partes materiais; já a outra qualidade é a exterioridade desse ser interior, nada mais sendo do que o abstrato, o ideal, o espacial. Assim, a natureza qualitativa do algo material é formada por essas qualidades que são determinadas quantitativamente, e da relação mútua entre elas - como a relação do peso com o volume, especificamente determinada pela gravidade. O volume, o ideal, deve ser considerado como uma unidade, enquanto o aspecto intensivo, que surge na determinação quantitativa e na comparação com aquele volume como uma grandeza extensiva ou quantidade de unidades por si só, precisa ser tratado como um valor numérico.

O relacionar qualitativo puro de ambas as determinidades de grandeza conforme uma relação de potências desapareceu no fato de que, na autossubsistência do ser para si (ser material), retornou a imediatidade na qual a determinidade de grandeza é um quantum como tal e a relação de um tal com o outro lado está determinada igualmente no expoente habitual de uma relação direta (HEGEL, 2016, p. 377).

2 HEGEL, 2016, p. 376.

3 HEGEL, 2016, p. 377.

Sendo um quantum específico de algo, esse expoente é imediatamente determinado e, assim, a essência própria desse algo é estabelecida apenas em comparação com outros expoentes de relações semelhantes. Dessa forma, o ser específico em si é definido pelo expoente, que representa a medida interna particular desse algo; entretanto, o fato de essa medida está fundamentado no quantum a torna apenas uma exterioridade determinante, neutra, e, apesar da medida interna desse algo ser fixa, ela é mutável. O outro com o qual ele - como uma variável pode se relacionar, não é uma mera quantidade de matéria, um quantum genérico - diante do qual mantém sua especificidade inalterada -, mas é um quantum que, simultaneamente, atua como expoente dessa relação específica.

A relação de combinação entre duas medidas é marcada por duas coisas de medida interior diferente, como a relação de dois metais de gravidade específica diversa. Se por um lado cada uma das duas medidas se conserva na relação de variação que deveria sobreviver por via da exterioridade do quantum, pelo motivo de que cada uma é medida, por outro lado, porém, esse mesmo conservar-se é uma relação negativa com esse quantum, “uma especificação do mesmo e, visto que o quantum é expoente da relação de medida, é uma variação da própria medida e, com efeito, uma especificação recíproca”⁴.

Segundo a determinação meramente quantitativa, a combinação não passaria da soma de duas grandezas de uma qualidade e de duas grandezas de outra qualidade, tal como, ocorre com a soma dos dois pesos e dos dois volumes na combinação de duas matérias de diferentes pesos específicos, “de modo que não apenas o peso da mistura permaneceria igual àquela soma, mas também o espaço, que a mesma ocupa, é igual à soma daqueles espaços”⁵. Contudo, somente o peso se mantém como a soma dos pesos presentes na combinação anterior; soma-se o lado que, na condição de existente por si, for convertido numa existência firme e, por conseguinte, própria de um quantum permanente imediato, “o peso da matéria ou o que, para o mesmo, vale conforme a consideração da determinidade quantitativa, a quantia das partes materiais”⁶. No entanto, a variação se reduz aos expoentes, os quais representam a manifestação da qualidade determinada, do ser em si mesmo como relações de medida. Dado que o quantum em si sofre variação contingente, externa de forma adicional que é somada, ao mesmo tempo, revela-se como algo que nega diante dessa exterioridade. Essa determinação imanente do quantitativo, que não pode aparecer no peso, manifesta-se em outra qualidade, que representa o aspecto ideal da relação. Hegel argumenta que a percepção sensível pode não captar e, que depois da mistura de duas matérias especificamente distintas, mostra-se uma variação sob a forma de uma diminuição da soma dos volumes; pois o próprio espaço constitui o subsistir das matérias existentes como exteriores uma a outra. “Mas este subsistir frente à negatividade que o ser para si contém dentro de si é o ente que não é em si, a variável; deste modo, o espaço é posto como aquilo o que ele verdadeiramente é, como o ideal”⁷.

4 HEGEL, 2016, p. 378.

5 HEGEL, 2016, p. 378.

6 HEGEL, 2016, p. 378.

7 HEGEL, 2016, p. 379.

No entanto, ao considerar esse aspecto, percebemos que não é somente um dos aspectos qualitativos que é variável, mas também a própria medição e, conseqüentemente, a qualidade específica daquilo em que se fundamenta se revela flexível, mostrando, portanto, que não é estática, mas, como ocorre com a quantidade em geral, sua especificidade está em outras relações de medida.

Hegel discute a medida como uma série de relações de medida, deixando claro que se algo fosse agrupado apenas com base na qualidade simples por outro, eles simplesmente se suprassumiriam nessa vinculação. Como relação de medida em si, algo é autossubsistente, mas ao mesmo tempo tem a capacidade de se unir a algo semelhante. Ao se fundir nessa unidade, ele se mantém por meio de sua existência indiferente e quantitativa, agindo como um momento específico de uma relação de medida. A qualidade por estar integrada ao quantitativo, torna-se igualmente indiferente a outras medidas, mantendo-se na mesma e para dentro da medida formada. O expoente da nova medida é apenas um valor qualquer, uma determinidade externa, manifestando-se de modo indiferente ao se misturar com outras medidas semelhantes e neutralizando as relações de medidas mutuamente. Vale ressaltar que, para Hegel, a particularidade do algo não se expressa apenas numa medida formada pelo expoente.

No segundo momento de suas considerações sobre a medida como série de relações, Hegel diz que a combinação de vários termos, que são também medidas, resulta em relações distintas que, por sua vez, têm expoentes diferentes. “O autossubsistente tem o expoente de seu ser determinado em si apenas na comparação com outros; a neutralidade com outros, porém, constitui sua comparação real com os mesmos; ele é sua comparação com eles através de si mesmo⁸”. Mas diante da diversidade dos expoentes dessas relações, o autossubsistente mostra seus expoentes qualitativos na forma de uma série de valores numéricos diversos, frente aos quais ele é a unidade, “como uma série de relacionar específico com outros (...). A relação de tais séries dentro delas constitui agora o quantitativo dos autossubsistentes⁹”.

Uma vez que agora o autossubsistente se apresenta como uma sucessão de expoentes e termos autossubsistentes, a primeira impressão é de que ele está distintamente separado de outro além desta sequência, pelo qual ele é confrontado, devido ao fato de que este outro constitui outra sequência de expoentes com os mesmos termos contrapostos a ele. Contudo, os dois que devem ser comparados como autossubsistentes, inicialmente encontram-se diferenciados um do outro apenas como entidades separadas; sendo necessário para estabelecer a relação entre eles, um elemento ou unidade comum, que é para si.

Neste sentido, os seres autossuficientes devem ser considerados como unidades individuais, de modo que, aqueles mencionados inicialmente ou, mais precisamente, os vários indeterminados que estão sendo simplesmente comparados entre si, possuem uma variedade de potências, que representam as relações de comparação entre os termos contrapostos; da mesma forma, as relações de comparação entre si dos termos agora

8 HEGEL, 2016, p. 379-380.

9 HEGEL, 2016, p. 380.

considerados individualmente como autossuficientes, são também, de maneira inversa, a série de potências dos elementos da primeira série.

Neste contexto, volta-se a abordar a maneira pela qual a quantidade é colocada como algo em si mesma, ou seja, como uma grandeza simples, porém com a determinação da grandeza em uma quantidade que está além dela, constituindo um círculo de quantidades. Contudo, essa relação em que os dois elementos se especificam em relação a algo, a um terceiro, ao expoente, engloba também o aspecto de que um não se converte no outro, portanto, não se trata apenas de uma negação genérica, mas sim de ambos sendo negativamente colocados e, ao serem mantidos indiferentemente nesse estado, a negação é novamente negada. “Os expoentes que inicialmente são entre si números de comparação têm neles, apenas no momento do excluir, sua determinidade verdadeiramente específica frente ao outro e a diferença deles se torna, assim, ao mesmo tempo, de natureza qualitativa¹⁰“. Assim, a conexão entre um ser autossubsistente e os vários do outro lado não é mais uma relação indiferente, mas sim uma afinidade escolhida.

Considerações finais

A expressão afinidade eletiva, assim como neutralidade são expressões que se relacionam com relação química, dito de outro modo são termos que pertencem ao universo da química. A justificativa apresentada por Hegel, para o uso de tais expressões é a de que na esfera química, material é determinado na sua forma específica mediante a sua relação com o seu outro; a existência dele se dá somente nessa diferença. “Essa relação específica está, além disso, ligada à quantidade e, ao mesmo tempo, não é apenas a relação com um outro singular, mas uma série de tais diferentes que se lhe contrapõem¹¹“. Assim, as combinações estabelecidas com esta série se baseiam em uma afinidade com cada um de seus componentes, embora seja importante ressaltar que, dentro dessa interação, cada combinação é simultaneamente excludente em relação às outras. Isso reflete a presença de determinações opostas que ainda precisam ser consideradas. Hegel destaca que não é apenas no campo químico que o específico se revela por meio de um conjunto de combinações; cada tom singular também só adquire sentido na relação e na ligação com outros tons e uma série de tons adicionais.

O tom singular não apenas é o componente fundamental de um sistema, mas também se torna um novo membro singular no sistema de cada outro tom fundamental. As harmonias são, portanto, afinidades seletivas e excludentes, embora sua peculiaridade qualitativa se dissolva igualmente na exterioridade de um progresso estritamente quantitativo.

Na relação como o todo de uma série que lhe contraria, o membro de uma nova série obtém sua unidade qualitativa. Nesta relação, a diferença dos membros um com o outro se dá somente através do quantum conforme o qual eles se neutralizam e, então a determinidade mais específica é apenas uma determinidade quantitativa nesta afinidade múltipla. “Na afinidade eletiva enquanto relação excludente, qualitativa, o relacionar

¹⁰ HEGEL, 2016, p. 382.

¹¹ HEGEL, 2016, p. 382.

subtrai-se a essa diferença quantitativa¹². Posteriormente, a determinação que se mostra, segundo Hegel, consiste em que, conforme a diferença da quantia e, por meio da grandeza extensiva, que se verifica entre os membros de um lado para a neutralização de um membro de outro lado, se direciona também para a afinidade eletiva dos membros de outra série com os quais ele tem uma relação de afinidade. O excluir como um manter-se mais firme diante de outras possibilidades de combinação que estariam fundamentadas nisto, apareceria, ao ser transformado deste modo, numa intensidade tanto maior, segundo a identidade já demonstrada nas formas das grandezas extensivas e intensivas, como naquelas duas formas onde a determinação das grandezas é uma só e a mesma. Com isso não estaria posto de fato excluir algum, mas poderia avaliar-se, indiferentemente ou apenas uma combinação, bem como, uma combinação indeterminada no que diz respeito à determinação de quantos membros, desde que as porções que entrassem deles, proporcionalmente as relações entre eles, fossem correspondentes ao quantum exigido.

Contudo, a combinação que Hegel denomina também de neutralização, não representa só a forma da intensidade. O expoente é essencialmente uma determinação de medida e, por isso, excludente; nessa face excludente do relacionar, os números tiveram sua continuidade e confluibilidade perdidas na relação um ao outro; “é o mais ou menos que obtém um caráter negativo, e a *preferência* que um expoente tem com respeito a outro, não se detém na determinidade quantitativa¹³. Porém, apresenta-se também, ao mesmo tempo, o outro lado segundo o qual é novamente indiferente para um momento obter o quantum neutralizante de uma pluralidade de momentos contrapostos, recebê-lo de cada um segundo sua determinidade específica frente ao outro. O relacionar excludente e negativo padece ao mesmo tempo desse dano de parte do lado quantitativo. Com isso está estabelecida uma alternância do relacionar indiferente, apenas quantitativo, para um relacionar qualitativo, e vice-versa um passar do ser determinado específico para a relação meramente externa, para uma série de relações que são ora de natureza meramente quantitativa, ora relações específicas e medidas.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica - Doutrina do Ser*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*. Tradução de Paulo Meneses, com a colaboração de José Machado. São Paulo: Loyola, 1995. Vol. I.
- SOARES, Marly; IGOR, Marcelo; SOBRINHO, Francisco de Assis. In: 8º Leituras da Lógica de Hegel 23/05/2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F58xde-Skyg>
- UTZ, Konrad. *O Método Dialético em Hegel*. *Veritas*, Volume 50, nº 1. Porto Alegre:, março de 2005, p. 165-185.

12 HEGEL, 2016, p. 383.

13 HEGEL, 2016, p. 384.
